

**TOCA PRA CIRETRAN**

Benedita ou Ditinha, como ficou chamada pela família e pelos amigos, era uma lutadora. Ficou viúva muito jovem, com três crianças pra criar. Tinha dois empregos e três turnos, um como merendeira numa escola pública na periferia da cidade e outra fazendo limpeza numa agência bancária, numa época que quase não existiam creches para onde levar as crianças, que tinham que ficar com sua mãe noutra bairro.

Pegava ônibus circular, andava bastante, era uma magrinha elétrica sempre em movimento e preocupada em manter a casa nos trinques, as crianças bem vestidas e alimentadas, além de frequentar a escola do bairro. Uma coisa que fazia questão era exigir dos filhos que estudassem e mantivessem os livros impecáveis, dizia que com a cor que tinham, deviam ser os melhores da classe para se dar bem na vida e não ficar como ela, com vassouras e baldes nas mãos.

Deu certo. Os meninos cresceram, entraram na faculdade, logo conseguiram viver por conta própria e foram morar na cidade grande, Ditinha voltou a ficar sozinha. Com tempo, agora que mandavam dinheiro pra ela, ficou só com o emprego público e resolveu voltar a estudar. Com financiamento do governo, fez um curso noturno e se tornou professora, fez concurso noutra função, a de educadora.

Os filhos, vendo o orgulho e o interesse da mãe em estar sempre aprendendo, insistiram para que aprendesse a dirigir, largasse o ônibus, disseram que lhe dariam um pequeno carro de passeio. Na época, o governo do município mantinha um prédio dos serviços de trânsito que todo mundo conhecia por “Ciretran”. Era dali que partiam os veículos com os examinadores que verificavam se o novo condutor tinha condições de receber a carteira de habilitação para dirigir e ganhar as ruas dirigindo a máquina.

Ditinha não tinha a menor intimidade com a direção. Pequenina, os pés não alcançavam direito os pedais, levava susto com as buzinas, se atrapalhava com as marchas e com o breque. O instrutor da autoescola passava apertado quando era o dia de sua aula. Os postes se acautelavam, assim como as guias do meio-fio, inapelavelmente atropeladas pela motorista “barbeira”.

No dia do exame, colocou o carro em movimento com o freio de mão acionado, esqueceu-se de acionar a seta para mudar a direção, deixou o carro morrer na rampa. No terceiro erro, o examinador foi logo dizendo: “toca pra Ciretran”. Foi reprovada com louvor. Ditinha não desistiu, se tinha criado os filhos e virado professora, ia enfrentar aquele desafio. Refez as aulas e voltou ao exame. Foi encostar o carro e bateu na guia, o carro travou. Na rampa, o carro desceu e quase bateu num outro. O examinador: “toca pra Ciretran”. Reprovou de novo. E assim foi mais outra e outra vez, ela sempre ouvia a mesma frase fatídica depois dos erros: “toca pra Ciretran”. Todos os examinadores e instrutores já a conheciam, ficou famosa naquele meio. Até que na oitava tentativa, foi aprovada. Um conselho pra terminar: ela está nas ruas, dirija com cuidado.

Mauro Ferreira é arquiteto